

LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA

QUEM ESCAPOU DO MAIOR ACIDENTE NÁUTICO DA HISTÓRIA DO LAGO NARRA HISTÓRIAS DE DESORIENTAÇÃO, CONFUSÃO E DESESPERO NA TENTATIVA DE SAIR COM VIDA DAS ÁGUAS FRIAS E ESCURAS. MUITOS NÃO ALCANÇARAM OS COLETES

» NAIRA TRINDADE

De um lado, famílias traumatizadas. De outro, histórias de sobrevivência. O maior naufrágio ocorrido no Lago Paranoá vai marcar profundamente a vida de quem se viu em meio a uma cena semelhante a um filme. Nada parecia ser real. Em poucos minutos, a felicidade de navegar pela primeira vez no local se esvaiu com o drama de tentar escapar da água fria e escura. Onze pessoas de uma mesma família estavam no Imagination e resistiram ao naufrágio. Outros grupos de parentes, no entanto, choram por amigos desaparecidos ou mortos.

O *Correio* ouviu alguns relatos que ajudam a entender os momentos de desespero das pessoas envolvidas na confraternização — as histórias também foram contadas aos investigadores responsáveis pelo caso. Só ontem seis familiares prestaram depoimento na 10ª Delegacia de Polícia, no Lago Sul. Sem saber nadar, o eletricitista Hilton Carlos Soares, 34 anos, curtia o passeio ao lado

da mulher, Luciane Santana Peres, 39, e do filho dela, o estudante Stephano Santana, 20. Também estavam presentes o irmão de Hilton, o professor de educação física Allan Gonçalves, 27; a irmã de Allan, a estudante Margô Soares Gonçalves, 30; e a prima deles, a auxiliar de enfermagem Elciane Oliveira Santos, 24.

Os detalhes descritos por Luciane também dão chance para entender o que se passou na noite do último domingo no Lago Paranoá. “Eu estava no deck da embarcação. Tinha bastante colete salva-vidas, mas as pessoas não conseguiam pegá-los. Meu filho (Stephano) conseguiu pegar um e colocou na minha mão. Ele me salvou. Se não estivesse com o colete, teria afundado rapidamente. Pessoas caíam sobre a minha cabeça. Machuquei a perna esquerda e não sei como isso foi acontecer”, detalhou a moradora de Samambaia (**leia depoimentos**).

A pouca experiência em navegações confundiu Elciane Santos, que pensou que estava tudo bem. “As luzes se apagaram, mas pensei que fosse normal. Só percebi que havia algo errado quando estava na pista dançando e alguém anunciou para irmos para a proa (parte dianteira). Não houve orientação para os passageiros da embarcação para o caso de um acidente”, lamentou. Sem querer afundar com aqueles que a puxavam para baixo, Elciane começou a nadar rumo à margem do lago. “Enquanto nadava, encontrei um barco particular, de pequeno porte, tipo pescador, que me resgatou”, contou.

Esclarecimentos

As lembranças do desespero estão claras na memória do professor Allan Gonçalves. “Lembro

Fotos: Kleber Lima/CB/D.A Press



O delegado Adval Cardoso vai ouvir mais depoimentos ao longo da semana: “Alguém pode trazer uma informação diferente e relevante para a elucidação”

perfeitamente ter ouvido dos organizadores da festa para que só ficassem 30 pessoas na parte de cima do barco. Depois, eles pediram para que as pessoas se dividissem nos dois lados da embarcação e equilibrassem o peso”, recordou o jovem, antes do naufrágio.

Allan não tinha o nome na lista da festa e ocupou a vaga da prima, que, de última hora, desistiu de participar. “Foi tudo

muito rápido. Eu estava na pista de dança e o som, alto. Foi difícil perceber o que estava acontecendo. De repente, vimos a água, e as pessoas gritando. Tentei segurar nas grades da parte superior, mas minhas mãos perderam força. Caí de cima do barco na água. A sensação que eu tinha era que o barco ia se partir no ar e cair sobre nós, na água.”

A música que animava a confraternização parou com a queda

de energia. As pessoas se olharam assustadas. Experiente em passeios nesse tipo de veículo, o brigadista Sérgio Augusto Ribeiro Barreto, 27 anos, estranhou o ocorrido. “Nunca tinha visto nada parecido. Passei de barco três vezes somente este ano. Duas delas, no Imagination. Na vez anterior, a embarcação seguiu segura por toda a noite. Não apresentou nenhuma irregularidade.”

Ao longo da semana, o dele-

gado-chefe da 10ª Delegacia de Polícia, no Lago Sul, Adval Cardoso, pretende ouvir mais testemunhas da tragédia. Nos dois primeiros dias de investigação, os investigadores do caso registraram pelo menos 16 depoimentos. “As versões corroboram com as demais na ideia de direcionar para o que aconteceu. Alguém pode trazer uma informação diferente e relevante para a elucidação”, explicou Cardoso.

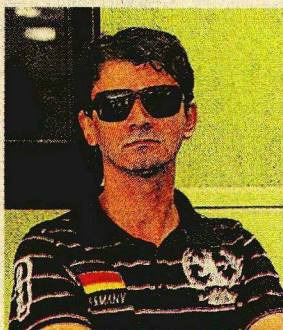
16

Total de depoimentos prestados nos dois primeiros dias de investigação

HILTON CARLOS SOARES GOMES,

34 ANOS, ELETRICISTA, MORADOR DE SAMAMBAIA

“No dia anterior ao naufrágio, o barco (Imagination) deu três piques de luz. Ele estava apresentando problemas. Eu trabalhava como barman numa festa e, quando percebi a queda elétrica, procurei o piloto. Ele confirmou que algo estava estranho. Foi uma falha do dono colocar a embarcação na água novamente. Os pilotos devem ter repassado a informação a ele. No dia da tragédia, houve duas quedas de energia. A primeira, de três segundos. Na segunda, mais longa, não voltou (a luz). Quando entramos no barco, não houve instrução de ninguém para usarmos colete salva-vidas. Não sei nadar. Enquanto a embarcação afundava, corri para a parte superior do barco. Queria um colete. Mas não consegui pegar nenhum. Foi tudo muito rápido. A embarcação estava virando e, para a minha sorte, me segurei nas grades da parte de cima. O barco demorou um pouco para afundar por completo. Quando cheguei até a água, uma lancha particular fazia o resgate das vítimas. Ela me socorreu a tempo. Se tivesse ficado na água, teria morrido. Foi um milagre.”



ALLAN SOARES GONÇALVES,

27 ANOS, PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA, MORADOR DE CEILÂNDIA

“Eu estava na pista de dança e o som, alto. Foi difícil perceber o que estava acontecendo. De repente, vimos a água e as pessoas gritando. Foi tudo muito rápido. Tentei segurar nas grades da parte superior, mas minhas mãos perderam a força. Caí de cima do barco na água. Fiquei uns 40 minutos boiando, batendo os pés para me manter na água. Por várias vezes, puxaram o meu pé e afundaram a minha cabeça. Minha roupa ficou toda esticada. As pessoas tentavam se segurar em mim para sobreviver. A sensação que eu tinha era a de que o barco ia se partir no ar e cair sobre nós, na água. Pensei que fosse morrer.”

SÉRGIO AUGUSTO RIBEIRO BARRETO,

27 ANOS, BRIGADISTA E MORADOR DO RECANTO DAS EMAS

“Passei de barco três vezes somente este ano. Duas delas, no Imagination. Na vez anterior, o barco seguiu seguro por toda a noite. Não apresentou nenhuma irregularidade. E, em nenhuma delas, recebemos orientações sobre a segurança no barco. Na hora do naufrágio, estávamos na pista de dança, dentro da área cercada por vidro, no piso da embarcação. Quando vi a água entrando, comecei a procurar pela minha irmã. O barco virou, e as portas do blindex se fecharam. Fiquei preso dentro da pista de dança. Tentei quebrar o vidro, mas era muito resistente. Senti o fluxo da água e nadei no mesmo sentido. Consegui sair nadando pela lateral do barco, num dos únicos vidros que restaram abertos.”

LUCIANE DE SANTANA PERES,

39 ANOS, RECEPCIONISTA, MORADORA DE SAMAMBAIA

“Saí de casa com o meu marido, filho, primos e parentes animados para participar da festa no Imagination. Éramos 11. Para a maioria, era a primeira experiência de barco no Lago Paranoá. Depois de uma hora e meia, percebemos dois piques de luz. O som acabou e voltou. Da segunda vez, não retornou mais. De repente, a água começou a entrar e todos entraram em pânico. Eu estava no deck da embarcação. Tinha bastante colete salva-vidas, mas as pessoas não tinham condições de pegá-los. Meu filho (Stephano Bruno Santana Ribeiro, 20 anos), pegou um colete e o colocou na minha mão. Ele me salvou. Se não estivesse com o colete, teria afundado rapidamente. Pessoas caíam sobre a minha cabeça. Machuquei a perna esquerda e não sei como isso foi acontecer. Foi terrível.”

